



A MULTIDIMENSIONALIDADE DA ARTE CINEMATOGRAFICA E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

NOGUEIRA, Marcos T.¹; SILVA, Veronice Mastella da²;
CAMARGO, Maria Aparecida Santana³

Palavras-Chave: Cultura. Educação. Linguagem. Interdisciplinaridade.

Introdução

Muitos são os argumentos para a utilização do cinema dentro das salas de aulas como ferramenta auxiliar na educação. Porém maiores que eles, são os preconceitos enfrentados. Excluindo-se documentários, filmes didáticos, institucionais e vídeo-aulas, o cinema, até então, é visto geralmente como uma forma de entretenimento de massas. Jamais como uma possível ferramenta de ensino. Exclui-se desta generalização, é claro, um *seleto* grupo de malucos, ou visionários, dependendo do viés daqueles que os julgam. O cineasta americano David Mamet (2010, p. 92), roteirista do filme os Intocáveis (1987), está entre aqueles que vêm a sétima arte apenas como entretenimento:

Um deles pode ou não saber uma coisa ou outra, mas o outro sabe contar uma história, e quer contar uma história, coisa que é da natureza da arte dramática: contar uma história. Só serve para isso. As pessoas tentam há séculos usar o drama para mudar as vidas das pessoas, para influenciar, para comentar, para se expressar. Não funciona. Seria bom se funcionasse para essas coisas, mas não funciona. A forma dramática só serve para uma coisa: contar uma história.

Esta visão simplista deve-se em muito ao cinema *hollywoodiano*, que de fato transformou a *sétima arte* em uma indústria do entretenimento, excluindo-a como expressão *artística*. Porém, se o cinema de ficção não serve para ensinar algo, por que há tantos que tentam utilizá-lo com tal finalidade? David Gilmour, crítico de cinema canadense, em seu romance Clube do Filme, narra uma história verídica sobre um período difícil de sua vida. Seu filho adolescente colecionava reprovações na escola e não via futuro algum ao frequentá-la. O que Gilmour fez então? Propôs ao garoto que poderia largar a escola desde que assistisse toda semana a três filmes escolhidos por ele, e com ele. Estamos longe de concordar com a atitude

¹ Acadêmico do Curso de Jornalismo da UNICRUZ, Bolsista do projeto PIBIC. E-mail: marcos.t.nogueira@hotmail.com

² Professora Doutoranda da UNICRUZ, Colaboradora do projeto. E-mail: vmastella@brturbo.com.br

³ Professora Doutora da UNICRUZ, Coordenadora do projeto. E-mail: cidascamargo@gmail.com



de Gilmour ao permitir que o filho largasse a escola, porém ele, um estudioso do cinema, sentiu-se seguro ao conceder tal permissão, pois tinha a convicção de que o cinema, se não mais ou tal qual a escola, seria capaz de ensinar um jovem confuso qual rumo seguir.

A presente investigação, que ainda não está concluída, é de cunho qualitativo e tem caráter teórico e empírico. Trata-se de um projeto apoiado pelo PIBIC/UNICRUZ, cujo objetivo é investigar a relevância da arte cinematográfica no contexto educacional.

Resultados e Discussões

Assim como o filho de Gilmour, muitos jovens sentem-se frustrados com os métodos convencionais de ensino. Não lhes são atraentes. Instigantes. Mas há modos diferentes de ministrar o conhecimento, como afirmam Campbell, Campbell & Dickinson (2000, p. 26):

O conhecimento básico que todos os estudantes devem dominar, como as artes da linguagem, a matemática, a história e a ciência, não precisa ser ensinado da mesma maneira para todos. A frustração e o fracasso escolar poderiam ser bastante reduzidos se os professores apresentassem a informação de várias maneiras, oferecendo aos alunos múltiplas opções de sucesso.

A abordagem cinematográfica, portanto, é uma das maneiras de desenvolver as inúmeras capacidades dos educandos. De acordo com Campbell, Campbell & Dickinson (2000, p. 22): Em seu livro de 1983, *Estruturas da Mente*, Gardner apresentou sua Teoria das Inteligências Múltiplas, que reforça sua perspectiva intercultural da cognição humana. As inteligências são linguagens que todas as pessoas desenvolvem e são, em parte, influenciadas pela cultura em que a pessoa nasceu. São ferramentas para aprendizagem, resolução de problemas e criatividade que todos os seres humanos podem usar. Segue-se uma breve descrição das oito inteligências descritas por Gardner:

A inteligência linguística consiste na capacidade de pensar com palavras e de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos. Autores, poetas, jornalistas, palestrantes e locutores exibem graus elevados de inteligência linguística.

A inteligência lógico-matemática possibilita calcular, quantificar, considerar proposições e hipóteses e realizar operações matemáticas complexas. Cientistas, matemáticos, contadores, engenheiros e programadores de computação demonstram forte inteligência lógico-matemática.

A inteligência espacial instiga a capacidade para pensar de maneiras tridimensionais, como fazem navegadores, pilotos, escultores, pintores e arquitetos. Permite que a pessoa perceba as imagens externas e internas, recrie, transforme ou modifique as imagens,



movimente a si mesma e aos objetos através do espaço e produza ou decodifique informações gráficas.

A inteligência cinestésico-corporal permite que a pessoa manipule objetos e sintonize habilidades físicas. É evidente em atletas, dançarinos, cirurgiões e artesãos. Nas sociedades ocidentais, as habilidades físicas não são tão altamente valorizadas quanto as cognitivas, embora em outros lugares a capacidade de usar o corpo seja uma necessidade para sobrevivência e também uma característica importante de muitos papéis de prestígio.

A inteligência musical é evidente em indivíduos que possuem uma sensibilidade para a entoação, a melodia, o ritmo e o tom. Compositores, maestros, instrumentistas, críticos musicais, fabricantes de instrumentos e também ouvintes sensíveis demonstram essa inteligência.

A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender as outras pessoas e interagir efetivamente com elas. É evidente em professores bem-sucedidos, assistentes sociais, atores ou políticos. Como a cultura ocidental recentemente começou a reconhecer a conexão entre a mente e o corpo, também passará a valorizar a importância da competência no comportamento interpessoal.

A inteligência intrapessoal refere-se à capacidade para construir uma percepção acurada de si mesmo e para usar esse conhecimento no planejamento e no direcionamento de sua vida. Alguns indivíduos com forte inteligência intrapessoal especializam-se como teólogos, psicólogos e filósofos.

A inteligência naturalista consiste em observar padrões na natureza, identificando e classificando objetos e compreendendo os sistemas naturais e aqueles criados pelo homem. Incluem-se entre os naturalistas qualificados fazendeiros, botânicos, caçadores, ecologistas e paisagistas.

Acima estão descritas várias habilidades, as quais dificilmente serão desenvolvidas utilizando-se as formas convencionais de ensino-aprendizagem. Neste enfoque, pode-se afirmar que, de um modo geral, as pessoas, pais, professores e alunos não têm essa compreensão de que todas as habilidades referidas acima encontram um campo fértil para se desenvolverem através da arte cinematográfica.



Considerações Finais

É sempre bom lembrar que a primeira razão da dramaturgia é divertir, introduzindo a capacidade de abstrair, depois informar, no sentido de questionar, e por fim, por conscientizar as duas primeiras qualidades (COMPARATO, 2009, p. 86). Mas apesar desta função principal, o entretenimento, há imensas possibilidades educacionais com a arte cinematográfica. O cinema não é apenas entretenimento. Robert Mckee (2006, p. 25) afirma:

Alguns veem essa ânsia por estória apenas como entretenimento, uma fuga da vida ao invés de sua exploração. Mas o que é, afinal, entretenimento? Ser entretido é ser imerso na cerimônia da estória para um fim intelectual e emocionalmente satisfatório. Para o público do cinema, entretenimento é o ritual de sentar-se no escuro, concentrado no significado da estória, que desperta emoções fortes, às vezes até dolorosas. Quando esse significado se aprofunda, o público é levado à satisfação suprema dessas emoções.

Convivemos com o cinema há cerca de um século e já não podemos supor como seriam nossas vidas sem a presença dele. Mas ainda podemos relevar as palavras daqueles que realmente o conhecem:

Como os filmes nos moldaram, e continuam diariamente a nos moldar, realmente não sabemos. Embora, sem dúvida, devamos nos fazer essa pergunta e não a ignorar, mesmo que a resposta esteja perdida em algum lugar na escuridão dentro de nós. Como qualquer experiência do mundo, o cinema nos faz ficar cara a cara conosco mesmos. Pensávamos que ele ficava fora de nós, mas, na realidade, ele se gruda a nós como pele. Supúnhamos que o cinema era mera diversão, mas ele é parte do que vestimos, de como nos comportamos, de nossas ideias, nossos desejos, nossos terrores (CARRIÈRE, 2006, p. 195).

Referências

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. 1. ed. Rio de Janeiro: Especial. Nova Fronteira, 2006.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro, Teoria e Prática**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

GILMOUR, David. **O Clube do Filme**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

MAMET, David. **Sobre Direção de Cinema**. 2. ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro**. 2. ed. Curitiba: Arte & Letra, 2006.